

## Jenyffer Nascimento

### Reféns da metrópole

Não me espere Devo  
chegar atrasada Como  
tantas outras vezes.

Este que insiste em me acordar  
Finge controlar o tempo Mas não passa  
de um objeto amorfo Ponteiros em  
busca de uma identidade.

O sol adentra a janela  
Vivaz como nunca  
Impondo obrigações a alguns Criando  
possibilidades para outros.

Buzinas, sirenes, faróis  
Compõem a poética da manhã Nada  
mais que remeta  
Ao baixo meretrício da noite passada.

Tijolo com tijolo, cimento e tráfego  
Chico Buarque deve ter passado Na  
contramão aqui por São Paulo.

Eu que a esta hora  
Sou moradora do silêncio Ando pela  
casa falando com os olhos  
Improvisando vontades pra seguir.

Não me espere  
Devo chegar atrasada Mais  
uma vez.

Fico a olhar as pessoas no trem  
Fones de ouvido e mudez Por  
que não cantam?  
Por que não cantam?!  
Deve ser porque não escutam  
Bezerra da Silva Deve ser...

Fico a olhar as pessoas nas ruas  
Também devem estar atrasadas  
Apostam corrida com seres imaginários Que  
diariamente as acompanham.

Desce do trem.  
Sobe as escadas.  
Sinal vermelho.

Atravessa fora da faixa.  
Corre até o ponto de ônibus. Motorista  
passa direto.

Não há sorriso.

O relógio finge controlar o tempo.  
Na cidade, cada um finge controlar a si mesmo.

(*Terra fértil*, p. 42)